



SAÚDE DO PAPA

Após sofrer uma crise de asma, o pontífice precisou de oxigênio suplementar e também passou por uma transfusão de sangue. Segundo o Vaticano, o prognóstico do religioso é reservado, ou seja, não há certeza de sua recuperação

Francisco piora

A saúde do papa Francisco piorou, e o prognóstico, agora, é reservado, informou o Vaticano. Isso significa que não há certeza sobre uma possível recuperação. Aos 88 anos, o pontífice, que segue em estado crítico, sofre com uma pneumonia bilateral e polimicrobiana — presença de vírus, bactérias e fungos — e, na manhã de ontem, passou por uma crise asmática, precisando receber oxigênio. Também foi necessária uma transfusão de sangue, disse o comunicado da Santa Sé, para tratar uma baixa contagem de plaquetas (trombocitopenia) e de hemoglobina (anemia).

“O estado do Santo Padre continua sendo crítico e (...) o papa não está fora de perigo. Nesta manhã (ontem), o papa Francisco teve uma crise respiratória asmática prolongada, que também exigiu a aplicação de oxigênio em alto fluxo”, informou o texto oficial. “Os exames de sangue realizados hoje (ontem) também revelaram uma trombocitopenia, problema hematológico associado a uma anemia, que exigiu a administração de uma transfusão sanguínea. O Santo Padre permanece alerta e passou o dia em uma poltrona, embora esteja sofrendo mais do que ontem (sexta-feira). O prognóstico é atualmente reservado”, diz o comunicado.

Na sexta-feira à noite, a equipe de médicos responsável pelo tratamento do pontífice deu uma entrevista coletiva, reforçando que a situação de Francisco é delicada. “O papa está fora de perigo? Não, o papa não está fora de perigo”, declarou, na ocasião, o cirurgião Sérgio Alfieri aos jornalistas, no Hospital Gemelli, em Roma, onde o



Religiosos e fiéis católicos rezam em volta da estátua de São Paulo II, em frente ao Hospital Gemelli

papa está internado. Alfieri destacou que o religioso “quer que a verdade seja dita” e explicou que a principal preocupação é que os agentes causadores da pneumonia entrem na corrente sanguínea, provocando uma infecção generalizada (sepsis). “São necessários dias, até semanas, para ver a eficácia (...) das terapias que estamos utilizando”, acrescentou.

Francisco foi internado por uma bronquite em 14 de fevereiro e, no dia 18, a Santa Sé anunciou que ele sofria de uma pneumonia bilateral, uma infecção do tecido pulmonar potencialmente fatal. Essa é a quarta hospitalização desde 2021, o que reacendeu a preocupação com a

saúde do pontífice, já debilitado por diversos problemas nos últimos anos, incluindo cirurgias no cólon e no abdômen, além de dificuldades para caminhar.

Especulação

A internação de Jorge Bergoglio, líder espiritual de 1,3 bilhão de católicos e chefe de Estado da Cidade do Vaticano, também alimentou especulações sobre sua capacidade de continuar no cargo. O direito canônico, no entanto, não prevê nenhum dispositivo para o caso de um problema que afete sua lucidez.

Nas redes sociais, especialmente na plataforma X, a morte do papa

chegou a ser divulgada em vários idiomas. Também circularam notícias falsas sobre a possível renúncia, alimentadas pelos opositores de Francisco, especialmente nos círculos conservadores católicos.

O cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado e número dois do Vaticano, disse, em uma entrevista ao jornal *Corriere della Sera*, porém, que não há fundamento nessas afirmações. “Tenho a impressão de que são especulações inúteis”, comentou, na edição de sábado da publicação italiana. Ao argentino *La Nación*, o cardeal Victor Manuel Fernández, prefeito do Dicastério para a Doutrina da Fé e muito próximo de Francisco, também comentou



Velas, flores e o retrato de Francisco deixados no monumento

as notícias falsas das redes sociais. “Não vale a pena que alguns grupos pressionem por uma renúncia. Já o fizeram várias vezes nos últimos anos, e esta só pode ser uma decisão completamente livre do Santo Padre, para que seja válida.” Segundo o religioso, não há “clima de pré-conclave”. “Não vejo mais conversas sobre um possível sucessor do que algo que acontecia há um ano, ou seja, nada especial. Até o momento, percebo bastante respeito”, afirmou.

Vários fiéis e religiosos voltaram a se reunir, ontem, ao redor de uma estátua de João Paulo II, localizada na entrada do hospital para rezar pela recuperação do pontífice. Canonizado em abril de 2014 por

Francisco, São João Paulo II morreu em abril de 2005, aos 84 anos, e foi sucedido por Bento XVI, que abdicou, em fevereiro de 2013, por alegados problemas de saúde.

Primeiro papa nascido nas Américas, o argentino Jorge Mario Bergoglio foi eleito em 13 de março de 2013, no segundo dia do conclave. O jesuíta optou pelo nome de Francisco em referência ao santo italiano Francisco de Assis, por “sua simplicidade e dedicação aos pobres”. O pontífice também contou que, logo após ser escolhido, ouviu do arcebispo emérito de São Paulo Dom Cláudio Hummes “não esqueça dos pobres”, o que influenciou a escolha.

CONFLITO NO ORIENTE MÉDIO

Libertados últimos reféns da primeira fase da trégua

Conforme estabelecido no acordo de cessar-fogo, seis reféns israelenses foram libertados, ontem, pelo movimento islamista Hamas, na Faixa de Gaza. Porém, Israel adiou a soltura dos 602 prisioneiros palestinos, previamente acertada. O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, anunciou que realizará “uma consulta de segurança”

sobre o assunto.

Embora a razão não tenha sido especificada, ele havia prometido, na véspera, que o Hamas pagaria caro por sua “violação cruel” do cessar-fogo, depois de afirmar que um dos corpos de reféns entregues na véspera não correspondia, como anunciado, ao da israelense de origem argentina Shiri Bibas.

Símbolo do drama dos reféns, Shiri foi sequestrada em 7 de outubro com seus dois filhos, Ariel e Kfir, que na época tinham, respectivamente, 4 anos e 8 meses. Os corpos das crianças foram entregues na última quinta-feira.

Após a autópsia, porém, o Exército afirmou que combatentes islamistas mataram as crianças “a sangue frio” e “com suas próprias mãos” em Gaza. O Hamas havia dito que a família morreu em um ataque aéreo realizado pelas forças israelenses.

Os restos de Shiri Bibas, que tinha 32 anos quando foi

capturada, foram finalmente entregues na noite de sexta-feira. Os exames, como no caso das crianças, não revelaram nenhum indício “de ferimento causado por um bombardeio”, de acordo com Chen Kugel, chefe do Instituto Nacional de Medicina Legal.

A libertação de ontem foi a última de reféns israelenses vivos prevista na primeira fase do cessar-fogo em Gaza, que deve se encerrar em 1º de março. Assim como nas semanas anteriores, milicianos armados e encapuzados exibiram os capturados em um palco, antes de entregá-los.



Ladeados por extremistas do Hamas, três dos seis israelenses soltos

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

CHICOTADAS ENTRE OS GRANDES

EUA, China, Europa e Rússia, do jeito hostil com que estão se comportando, não terão nem credibilidade, nem força para estabilizar a política e a economia mundiais. Amanhã completam-se três anos da invasão em larga escala da Ucrânia por Vladimir Putin. Após a ofensiva russa, o país de Putin foi alvo de uma enxurrada de sanções impostas por europeus e pelos EUA. Isso teve um efeito transformador sobre a economia russa, pois, diferentemente do que se esperava, a tentativa de isolar economicamente a Rússia acabou saindo pela culatra. As sanções fortaleceram a economia russa e desnutriram o enfraquecimento do poderio econômico das potências europeias e

dos EUA, realçando o oportunismo chinês.

A guerra na Ucrânia desencadeou a maior redistribuição de ativos dentro da Rússia desde o colapso da URSS. Com a saída das multinacionais europeias e estadunidenses, todo o capital físico e o know-how dessas empresas permaneceram em solo russo.

Apesar de a retração econômica ter ocorrido após a imposição das sanções, essa queda não durou mais do que 12 meses. A partir do segundo trimestre de 2023, o PIB russo passou a aumentar de forma consistente, apresentando, inclusive, características de um crescimento real.

Agora que os lucros, antes direcionados às sedes das multinacionais

no exterior, permanecem no país e são reinvestidos ali pelos novos capitalistas ao modo russo, a economia apresenta sinais de maior dinamismo. Ou seja, no quesito “sanções com o intuito de fragilizar a economia russa”, Europa e EUA fizeram uma grande lambança, prejudicando seus próprios interesses.

O historiador francês Fernand Braudel dizia que, quanto maior e mais generalizada for a crise, mais ela reforça os fortes e inferioriza os fracos, devolvendo “brutalmente” cada um ao seu devido lugar no tabuleiro global. Com seu corte mais amplo de análise da formação e evolução do capitalismo global, Braudel também argumentava que é apenas com a “identificação” entre o Estado e o Capital que o capitalismo avança, transforma e triunfa.

Pois bem, essa identificação que já vinha retornando na Rússia perdurou em razão do colapso mal gerido da URSS e agora se

intensifica de maneira substancial com esse movimento de entrega dos ativos ocidentais aos russos. A qualidade dos novos donos do capital na Rússia só será colocada à prova com o tempo, mas a poderosa mescla volta a predominar em Moscou, a exemplo do que ocorre na China e nos EUA.

Caso alguém tenha alguma dúvida sobre se tal fato ocorreria nos EUA, basta se lembrar do papel de destaque ocupado pelos bilionários proprietários das principais empresas de tecnologia dos EUA na recente cerimônia de posse do presidente Donald Trump. Um deles, inclusive, admitiu, candidamente, que sua empresa trabalhará, sim, com o governo dos EUA para fazer valer seus interesses mundo afora.

Uma das características dos próximos anos é que ficará mais evidente que a rivalidade entre Estados desemboca na rivalidade entre suas multinacionais e vice-versa, ou seja, que a rivalidade

entre multinacionais resulta na rivalidade entre seus respectivos Estados. E que a realidade maior do “mercado” global é de oligopólio e não de competição perfeita.

Seja na Rússia, com o fortalecimento de uma nova elite econômica alinhada ao Kremlin; seja nos Estados Unidos, onde a simbiose entre governo e mega corporações tecnológicas e afins se torna cada vez mais explícita; ou seja na China, onde o Partido Comunista mantém controle firme sobre os rumos do setor produtivo, o fato é que o capitalismo, em sua forma mais competitiva, exige essa interdependência estratégica entre o Estado e o capital para se consolidar. Bem como para se expandir em novas fronteiras. Fenômeno melhor resolvido na União Europeia, com sua vocação democrática, incluindo a riqueza de sua política de proteção social.

De todo modo, os próximos anos tendem a ser marcados pelo

rearranjo entre esses blocos de poder, rearranjo que é fruto do voluntarismo ascendente de suas capitais. Isso terá impactos profundos sobre o comércio, a tecnologia e a segurança global. Em tal quadro, as rivalidades econômicas e políticas se intensificam, enquanto novas alianças são formadas e velhas parcerias são testadas e mesmo desfeitas.

As chicotadas entre os quatro maiores jogadores do mundo atual, se continuarem, colocará em xeque o destino da ordem internacional vigente, e os países que não conseguirem se posicionar estrategicamente correm o risco de serem enclausurados na periferia do jogo geopolítico. Claro que a história é dinâmica e permite mudanças de estado entre fracos e fortes. O que as crises fazem é escancarar o preparo real de cada um naquele momento.

PAULO DELGADO, sociólogo